

LITERATURA

MEMÓRIA DA GRANDE GUERRA DOS CABANOS

Texto: Márcio Souza
Ilustração: Xilogravuras de Álvaro Páscoa.



A revolução da Cabanagem, o mais importante movimento de massas já ocorrido no Brasil, marco primeiro das aspirações populares da Amazônia, sacudiu a grande região nas primeiras décadas do século XIX (1832 - 1835), destruiu a velha sociedade colonial portuguesa que teimava em se perpetuar no poder a despeito da Independência e deixou um projeto político que hoje se encontra negado e soterrado pela classe dominante regional. Escudada e comodamente amparada pela indigência científica, a classe dominante regional tem procurado esquecer a voz que se levantou no seio das massas populares da Amazônia, clamando por uma sociedade mais justa, inspirada no modo de produção coletivo das Nações indígenas, onde não há patrões, nem empregados. Como todos os fatos que se relacionam com o povo brasileiro, este verdadeiro construtor de um país livre e voltado para o futuro, a grande Revolução da Cabanagem permanece nos porões da História. É que a classe dominante, que no Brasil, alguém já disse, sempre foi tão cruel e corrupta quanto a classe dominante dos tempos do czarismo na Rússia, nunca poderá aceitar o projeto que generosamente os caboclos e índios da Amazônia encetaram a sua construção no século XIX, recebendo em contrapartida a mais terrível das repressões, verdadeira carnificina perpetrada pelas forças militares do Império contra populações inteiras.

O último ato da Cabanagem se deu no baixo-Amazonas, na área do município de Maués. Ali, índios das nações Mawé e Munduruku, aliados aos trabalhadores explorados, resistiram até o fim, recebendo o decreto de Anistia votado pelo Congresso e sancionado pela Regência, ainda de armas na mão. Com o intuito de lançar alguma luz neste episódio relegado aos porões da nossa memória, comecei a trabalhar no libreto de uma Ópera-Oratório, que terá música de Aldisio Filgueiras e Adelson Oliveira (a mesma dupla do consagrado "Dessana, Dessana"), e será futuramente encenada pelo TEATRO SALTIMBANCO DE COMBATE - TESC, pelos bairros de Manaus e cidades do interior do estado.

As poesias do libreto ganharão vida através da música inspirada nos ritmos populares da Amazônia, como o carimbó e as toadas, tendo o espetáculo o caráter combativo e guerreiro das manifestações da cultura do povo. "O PORANTIM" edita alguns momentos desta Ópera-Oratório que pela primeira vez mostra a união das nações indígenas com os trabalhadores oprimidos.

PRÓLOGO

Maparajuba

Como chegou em mim a notícia
Como chegou até aqui esta vontade
de ser livre e novamente livre e sempre
livre como livre estavam os antigos?
Como, tendo escapado das várzeas do Valdecães,
por Vigia, Obidos, Santarém, furos e igapós
e o grande rio barrento percorrido até aqui,
até Munducânia, chegou a notícia?
E nós soubemos, sim, soubemos.
Que o povinho de vermelho tingido na roupa:
branco, negro, cafuzo, mameluco e índio,
todós pobres que nunca tiveram nada, com
pau, pedra, zarabatana, os olhos dardejando
fome de comida e de justiça e de trabalho,

tinham invadido a fortaleza de Santa Maria de Belém do grão-Pará e já estavam donos do trem de guerra e das bocas de guerra. Como chegou a mim esta notícia? Vinde vós ó mawe, gente boa! Levanta teu canto e em redor do Porantim ressoe a toda terra esta notícia! Vinde vós ó munduruku!

PÁRODO

CORO

Epodo

Mas o pranto das mulheres como um dilacerante veneno, rompe o teu peito cansado e ainda assim amoroso. É que num dia triste de chuva o guerreiro de dentes brancos, olhos amarelos, traído, sangrando, foi jogado sem vida em teus joelhos. Que traição foi esta, Andirá? Que, foi este homem, Mawé? Ele queria a liberdade, dizem: que sonho mais idiota! É tu quase desapareceste como os gravetos numa fogueira. E os séculos passaram na terrível lentidão da amargura. Mawé, o que está escrito? Porantim, o que está escrito? Os traços dizem, os traços não mentem. Os traços dizem que a coragem é como o sol e seus raios, e que ainda encontrarás, no dia exato, longe das tristezas que te obrigaram a engolir, o mesmo tear que vestiu para a guerra e para a paz. Neste dia Mawé, quem te viu à deriva, como que dormindo no marulho do rio, terá a certeza de que não flutuastes todos esses anos sem rumo no rio dos tempos, Mawé

EPIDÓDIO I

RELATÓRIO SOBRE A REVOLUÇÃO DA CABANAGEM E DE COMO ESTA NOTÍCIA CHEGOU AOS MAWÉ
OS CABANOS

Quando a Amazônia, sob o Império, já podia definir-se mais claramente enquanto sociedade, escondendo o desconforto da presença do índio, os explorados também se definiram perante os exploradores. Nós eramos, então, claramente, a mão-de-obra. Nós eramos, então, claramente, os trabalhadores dos canaviais,

os trabalhadores das plantações de tabaco, os trabalhadores dos seringais, os trabalhadores dos castanheais, os trabalhadores das roças e glebas. E tínhamos o nosso destino a propor. MAPARAJUBA (Mostrando o Porantim) Sobre este remo mágico os antigos escreveram os nossos contos. Viajando nestas linhas um Mawé pode conhecer e viver a criação do mundo e a criação dele mesmo e a criação de todas as coisas. Mas existem algumas linhas truncadas que já não conseguimos decifrar. Não sabemos se são as linhas que se confundem ou se é o nosso pensamento que falha. Não importa: estas linhas ainda assim nos servem de caminho. Dizem os velhos e dizem os nossos sonhos, que estas linhas tortuosas falam de uma grande guerra esquecida.

OS CABANOS

E tínhamos os nossos próprios destinos a propor. Em 1823 veio a Independência mas a situação nada mudou para nós. Os plantadores e senhores de engenho, identificados como os portugueses maganos se mantiveram no poder. Alguns patrões e ricaços se desagradaram e logo se intitularam de brasileiros, se opondo ao continuismo. E nós fomos chamados por esses brasileiros, como os espantalhos inertes são colocados na roça para espantar os pássaros.

CORIFEU

E como se chamava esta revolução?

OS CABANOS

A Cabanagem, e nós fomos chamados de cabanos. MAPARAJUBA (Mostrando o Porantim) Estas linhas partidas podem dizer tudo, ou nada. Elas podem dizer que nas lutas do povo pobre os homens que representam as forças mais avançadas as vezes padecem fracassos, mas não porque suas idéias estejam erradas, mas porque no embate de força e força aquelas mais avançadas não são poderosas o suficiente para vencer as forças dos exploradores.

OS CABANOS

Nós tínhamos a flexibilidade, a iniciativa histórica e a capacidade de sacrifício. MAPARAJUBA O remo diz, ou não: os fracassos são temporários e os êxitos são alcançados cedo ou tarde. E as linhas truncadas podem dizer, ou não: depois das provas da prática, o nosso conhecimento realiza um outro salto, que é mais importante que o salto anterior. E as linhas dizem, ou não: somente quando damos o segundo salto é possível provar o certo e o errado do primeiro salto. Só assim provamos se nossas idéias, paixões, planos, desejos e resoluções formadas durante o curso da prática traziam algo de certo como certos são os cursos desses traços sobre o remo mágico.

OS CABANOS

Nós trazíamos a grande paixão final de conhecer o mundo em que vivíamos e assim perenemente transformá-lo. MAPARAJUBA E o que dizem as linhas, ou não: haverá outro método para comprovar a verdade? OS CABANOS Em 1832 nós demos o primeiro salto. Os poderosos instalados no governo repetiam a opressão herdada dos portugueses. Por cima de nós, uma poderosa classe de patrões perfeitamente unida à velha exploração colonial. Abaixo desses opressores, reconhecíveis pelo que faziam no processo produtivo, a massa de colonos pobres, da cidade e do campo, e os escravos negros e os índios. Sem esquecer os lavradores, os soldados, os padres menores, que era gente do povo. MAPARAJUBA (Mostrando as linhas do Porantim) E na senda dessas linhas: que exigência de um período de provas para determinar se uma coisa é certa ou errada. A tradição ensina que o novo, o certo, não consegue a princípio a aceitação da maioria dos homens,

e assim é obrigado a crescer de forma tortuosa através de muita luta. Muitas vezes, ensinam nossos avós, o que é justo e bom não é no princípio recebido como uma flor perfumada, ao contrário, é recebido como as perigosas ervas venenosas dos pajés. OS CABANOS Bem diferente das antigas guerras entre brancos e nações indígenas, nós fizemos uma guerra nova. Erguemos nossa miséria do chão e atropelamos a nossa fraqueza pela capacidade de sacrifício que habitava em nós como um inseto roendo tenras folhas. CORIFEU Mas já não fazem mais revoluções agora, porque estão mortos. Não é necessário mais ter capacidade de sacrifício, pois sete palmos de terra, para vós, neste momento, é o suficiente e assim ficarão esquecidos. Você não são mais os revolucionários, os sediosos, os subversivos, os perseguidos sem quartel. São imóveis mortos sem nome. Quem são vocês agora? OS CABANOS Somos aqueles que pegaram nas armas que foi possível pegar. Nossa guerra foi cada vez mais encurralando os opressores e ganhando as distâncias. A praça de guerra de Belém caiu e caíram em nossas mãos todas as praças de guerra, e os rios já eram pequenos para conter todos os nossos animados companheiros. E aqueles que deram a partida logo se abismaram com o perigo que nossa guerra representava. No meio da batalha largamos nossos nomes e rostos. Agora, ainda que mortos, não queremos o esquecimento. CORIFEU (Ao público) Ouçam: estes mortos imploram a ajuda que for possível. Eles levantaram-se em armas contra os opressores, e pedem o que for possível fazer para que não sejam esquecidos. É possível não esquecer os que já foram esquecidos? CORO Esquecer é mando tirano que no desatino acoberta e na confusão e espanto finge o que sabe e canta. CORIFEU E no espanto e desatino, ainda vos lembrais quem são eles? CORO Não! CORIFEU Sobre estes mortos que dizem ter pegado em armas contra os opressores, vamos investigar se ainda é possível lembrar o que eles fizeram e se isto tem alguma importância para os que hoje ainda estão vivos.

ESTÁSIMO

(Área de Maparajuba à sua mulher e ao seu povo Mawé) Antístrofo

A imagem do Mawé é o dorso desta mulher. Cheia de vaga-lumes e um pouco de urucum. Cinzas nas têmporas suadas e sobre a rede deitada. A rede é este rio morcego que ferve como um orgasmo. Pernas abertas na preguiça e toda a gula da cobiça. Seu amor é perigoso e os antigos já diziam: esta é a Mawé que ama e aprisiona em sua caverna. Mas isto de gentinha são coisas que o orgulhoso não penetra. São coisas desse mudo cortejo que perambula pelos rios. Mas ela hospeda a confiança como a palmeira as palmas. Assim, que ela fique bem deitada no seu lodo, ao lado dos que a amam e na graça do seu todo.